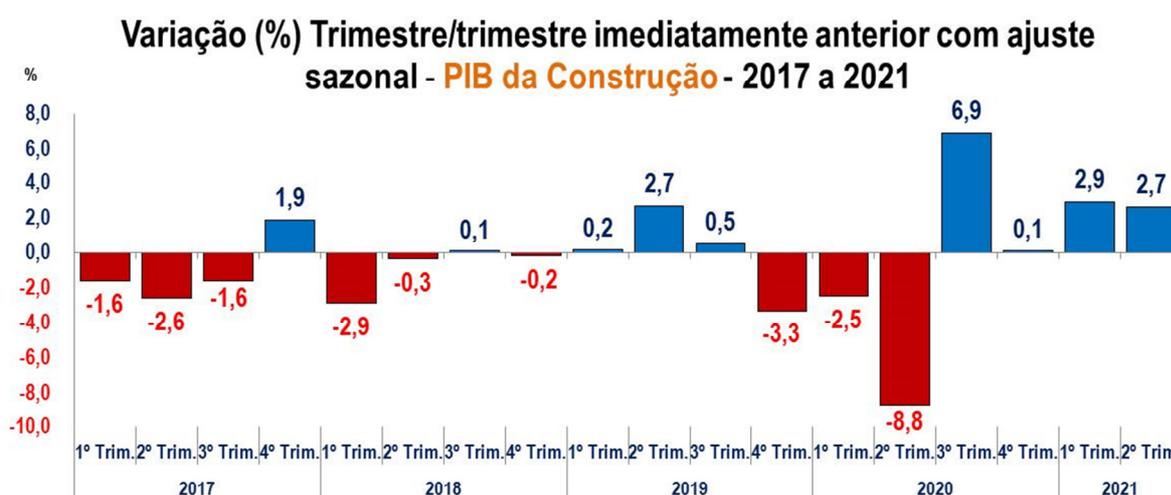


Construção Civil mostra resiliência e cresce 2,7% no 2º trimestre/21

Enquanto a economia nacional registrou relativa estabilidade (queda de -0,1%) no 2º trimestre de 2021, em relação aos três primeiros meses do ano, na série com ajuste sazonal, e frustrou as expectativas dos analistas de mercado, que aguardavam alta de até 0,2%, a Construção Civil mostrou resiliência e cresceu 2,7%. Estes são os resultados do Produto Interno Bruto (PIB) divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Desde o 3º trimestre de 2020 o setor vem apresentando números positivos, demonstrando uma retomada consistente, e que certamente está contribuindo para a economia nacional enfrentar a crise que se instalou em função da pandemia.

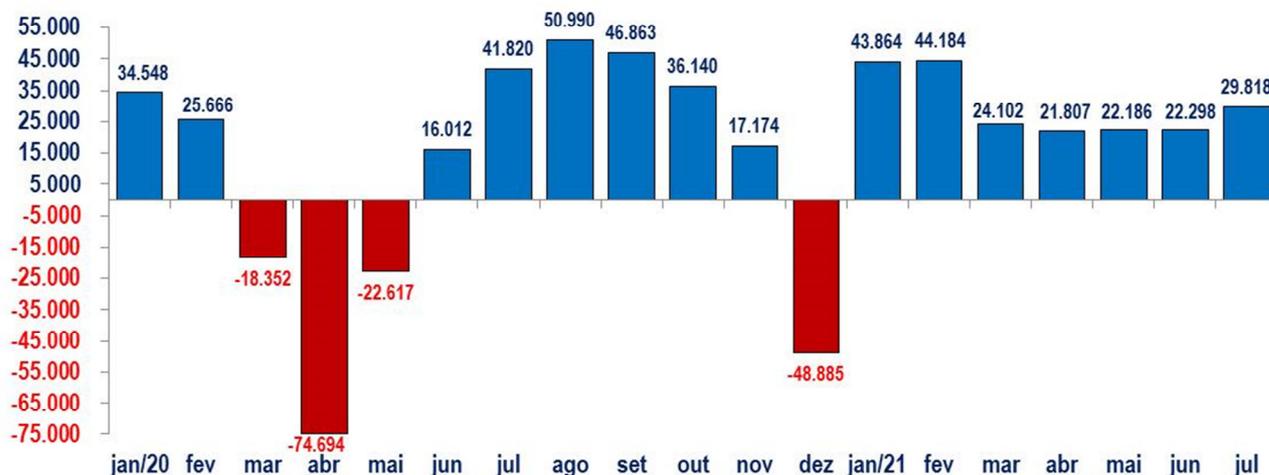


Fonte: Contas Nacionais Trimestrais - 2º Trimestre de 2021, IBGE.

Alguns indicadores já sinalizavam o crescimento da Construção Civil, entre eles o desempenho positivo do mercado imobiliário, o expressivo incremento no crédito imobiliário e a geração de novos postos de trabalho. Dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD Contínua), que também é divulgada pelo IBGE, revelaram que o total de ocupações no setor cresceu 5,7% no período de abril a junho/21 em relação ao período de janeiro a março. Com isso, o número de ocupados na Construção passou de 6,020 milhões para 6,365 milhões. É importante destacar que a PNAD Contínua envolve o mercado formal e também o informal. Considerando os dados do Novo Caged, divulgados pelo Ministério do Trabalho, com números mais atuais (até julho/21), o setor, há sete meses consecutivos, vêm apresentando saldos positivos no emprego formal, com aumento no seu número de trabalhadores. De janeiro a julho/21, foram contabilizadas 208.259 novas vagas no segmento, o que é resultado da diferença de 1.144.216 admissões e de 935.957 demissões. Assim, a Construção, que iniciou o ano com 2.273.541 trabalhadores com carteira assinada, encerrou o mês de julho com 2.481.800, o maior número desde janeiro/20, início da nova série do Caged.

**Evolução mensal dos saldos de vagas geradas na
Construção Civil no Brasil**

Saldo de vagas

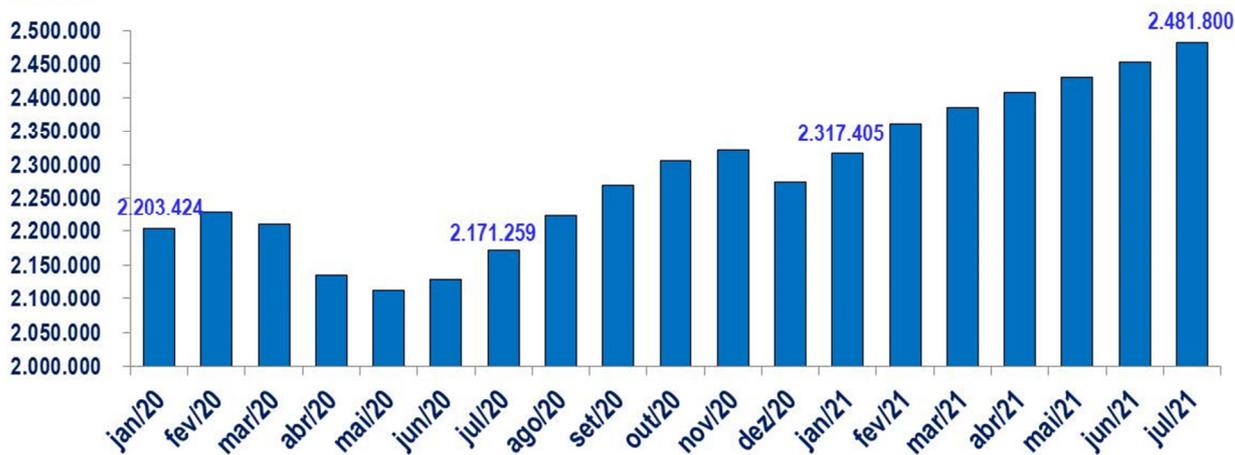


Fonte: Novo Caged/Ministério do Trabalho.
(*) Dados com ajustes.

Observa-se que o setor já superou o patamar trabalhadores com carteira assinada do período pré-pandemia (janeiro e fevereiro/20), e segue confirmando como é importante para o desenvolvimento do País.

**Evolução do número de trabalhadores com carteira assinada na
Construção Civil no Brasil**

Nº de trab.



Fonte: Novo Caged/Ministério do Trabalho.

Do total de novas vagas geradas pela Construção nos primeiros sete meses do ano (208.259) a Construção de Edifícios foi responsável por 77.729 e os Serviços Especializados para Construção, que envolvem atividades como a demolição e preparação do terreno, obras de acabamento e instalações elétricas, criaram 78.006 vagas. Já as Obras de Infraestrutura foram responsáveis pela geração de 52.524 novas vagas no setor. Neste contexto, é importante ressaltar que os dados dos Indicadores Imobiliários Nacionais, divulgados pela CBIC, revelaram que no 2º trimestre de 2021 os lançamentos imobiliários avançaram 51,3% em relação aos três primeiros meses do ano. Nesta mesma base de comparação as vendas cresceram 7,2%.



O incremento do crédito imobiliário está contribuindo para os resultados positivos na Construção. Conforme dados divulgados pela Associação Brasileira das Entidades de Crédito Imobiliário e Poupança (Abecip), nos primeiros sete meses de 2021, os financiamentos imobiliários, com recursos das cadernetas de poupança (SBPE), totalizaram R\$ 115,83 bilhões, o que correspondeu a uma elevação de 113,8% em relação a igual período de 2020. Mesmo considerando os aumentos da Selic, as taxas do crédito imobiliário seguem atrativas e inferiores a patamares observados num passado recente. De janeiro a julho/21 foram financiados, com recursos da poupança, 499,12 mil imóveis, ou seja, alta de 152,7% em relação a igual período do ano passado.

Crédito imobiliário Número de unidades financiadas e valores financiados (R\$ milhões) com recursos do SBPE em Janeiro a Julho de cada ano



Fonte: Associação Brasileira das Entidades de Crédito Imobiliário e Poupança (Abecip).

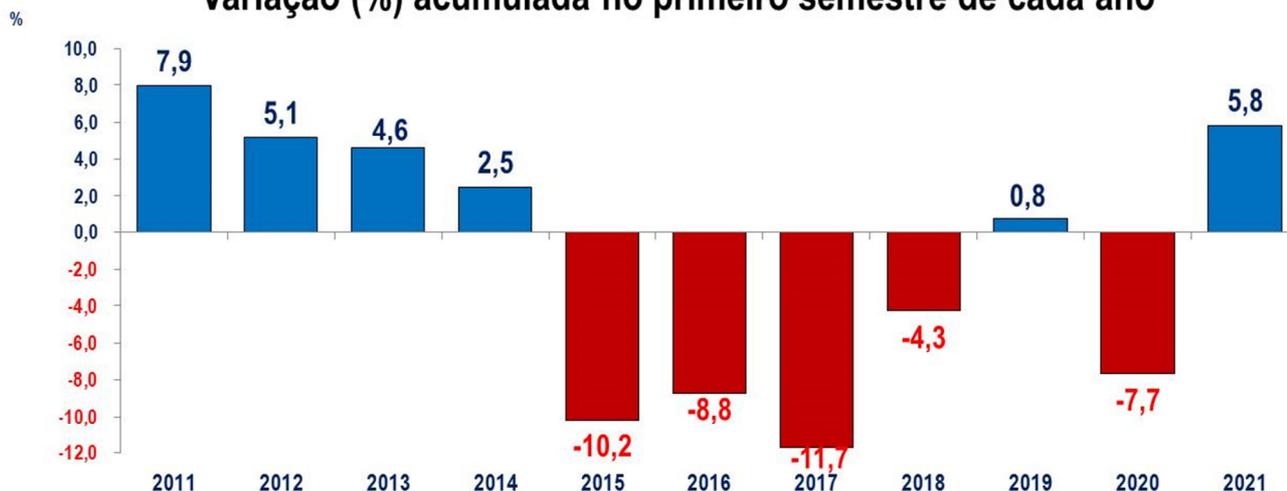
Na comparação do 2º trimestre/21 com o mesmo período do ano passado o setor cresceu 13,1%. Vale lembrar que de abril a junho/20, em função do maior impacto da Pandemia, a Construção, apresentou queda de 13,6%. Portanto, a base de comparação está muito deprimida.

A última estimativa para o resultado final do PIB da Construção Civil, em 2021, realizada pela CBIC, indicava alta de 4%. Com os números divulgados pelo IBGE, e com os dados mais recentes do mercado de trabalho formal, mostrando uma retomada consistente do setor, a entidade poderá revisar essa estimativa para maior. Entretanto, é preciso ressaltar que isso não significa ausência de desafios. A Construção segue preocupada com os aumentos expressivos dos seus custos, que há 13 meses consecutivos vem inibindo um avanço ainda maior de suas atividades. Caso o setor não estivesse enfrentando esse problema, certamente o seu crescimento seria ainda mais robusto.

Também é preciso considerar que o setor acumulou de 2014 a 2020, uma queda de 33,34% em seu PIB. Portanto, apesar do crescimento aguardado para 2021, ele ainda não conseguirá recompor as perdas do setor observadas nos últimos anos.

No 1º semestre de 2021 a Construção Civil cresceu 5,8% em relação a igual período do anterior. Foi o melhor resultado, para este período, desde 2011, quando apresentou alta de 7,9%. Importante ressaltar que, com os resultados do 2º trimestre/21, a Construção Civil retomou os patamares pré-pandemia (final de 2019).

PIB Construção Civil
Variação (%) acumulada no primeiro semestre de cada ano



Fonte: Contas Nacionais Trimestrais - 2º Trimestre de 2021, IBGE

Particularmente em relação à economia nacional observou-se perda de dinamismo. Assim, depois de três trimestres registrando resultados positivos, o PIB Brasil caiu -0,1% no período de abril a junho, em relação aos primeiros três meses do ano. Este resultado reflete o desempenho negativo da Agropecuária (-2,8%) e da Indústria (-0,2%), além da retração na Formação Bruta de Capital Fixo (-3,6%).

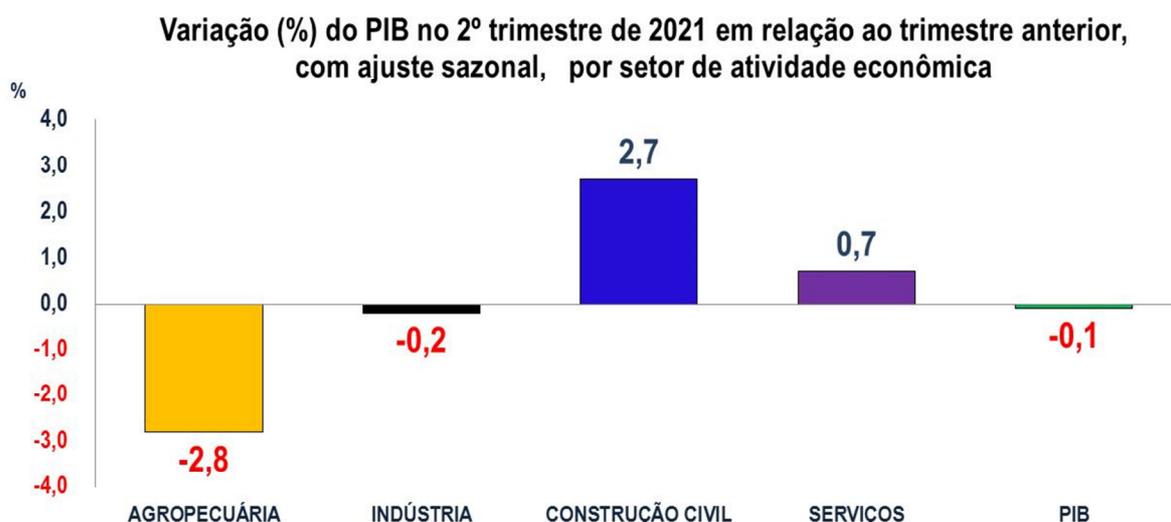
PIB Brasil
Variação (%) Trimestre/trimestre imediatamente anterior com ajuste sazonal



Fonte: Contas Nacionais Trimestrais - 2º Trimestre de 2021, IBGE

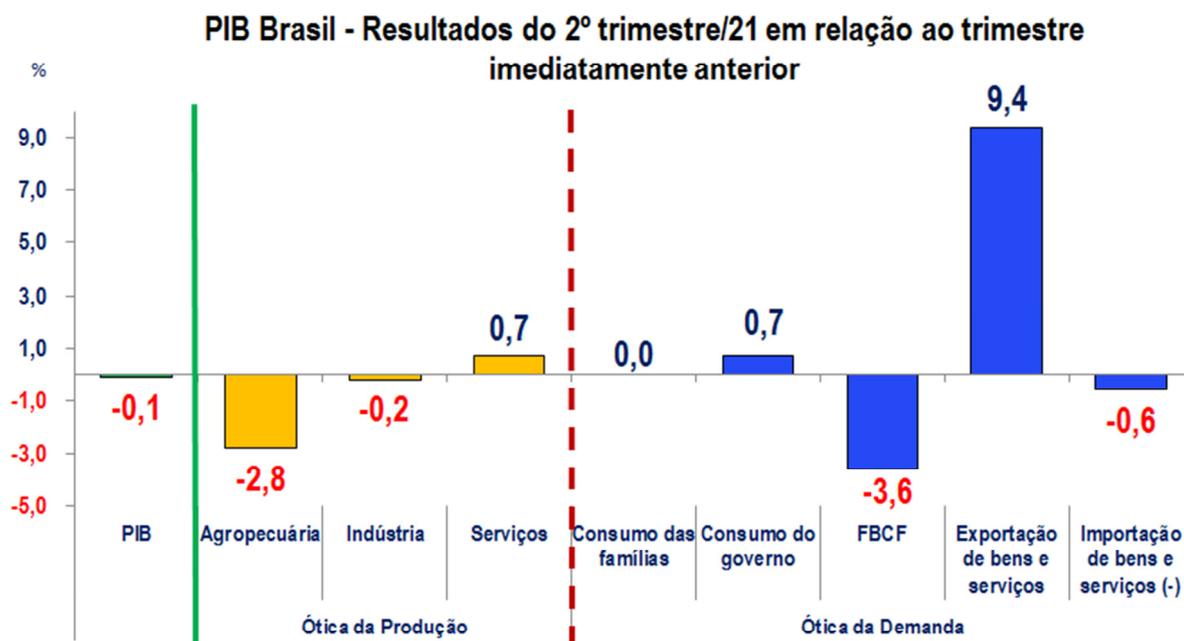
Conforme o IBGE contribuiu para a queda da Agropecuária, a safra do café, que está na bialidade negativa, o que gerou, por consequência, uma retração expressiva da produção. Em relação à Indústria, é preciso destacar a falta de insumos, que prejudica o andamento de suas atividades. Já o setor de Serviços segue com maior dificuldade de se recuperar dos impactos provocados pela pandemia.

Considerando os três grandes grupos de atividade econômica no País (Agropecuária, Indústria e Serviços), somente os Serviços ainda não recuperaram o seu patamar pré-pandemia.



Fonte: Contas Nacionais Trimestrais 2º Trim./21 - IBGE.

Também chamou a atenção, nos dados do 2º trimestre, na comparação com os primeiros três meses do ano, a estabilidade do consumo das famílias e a queda, depois de três trimestres consecutivos de crescimento, dos investimentos medidos pela Formação Bruta de Capital Fixo (que inclui os gastos de empresas e governo com máquinas, equipamentos, construção e também inovação). No caso do consumo, mesmo com a redução das medidas de restrição sanitária, com o programa de auxílio emergencial, e com os resultados positivos no mercado de trabalho formal, ele não conseguiu crescer. Neste aspecto, é preciso considerar o alto patamar da inflação, que sofreu influência do aumento dos preços dos alimentos e dos combustíveis, além da tarifa de energia elétrica. Também é preciso destacar o incremento nas taxas de juros.

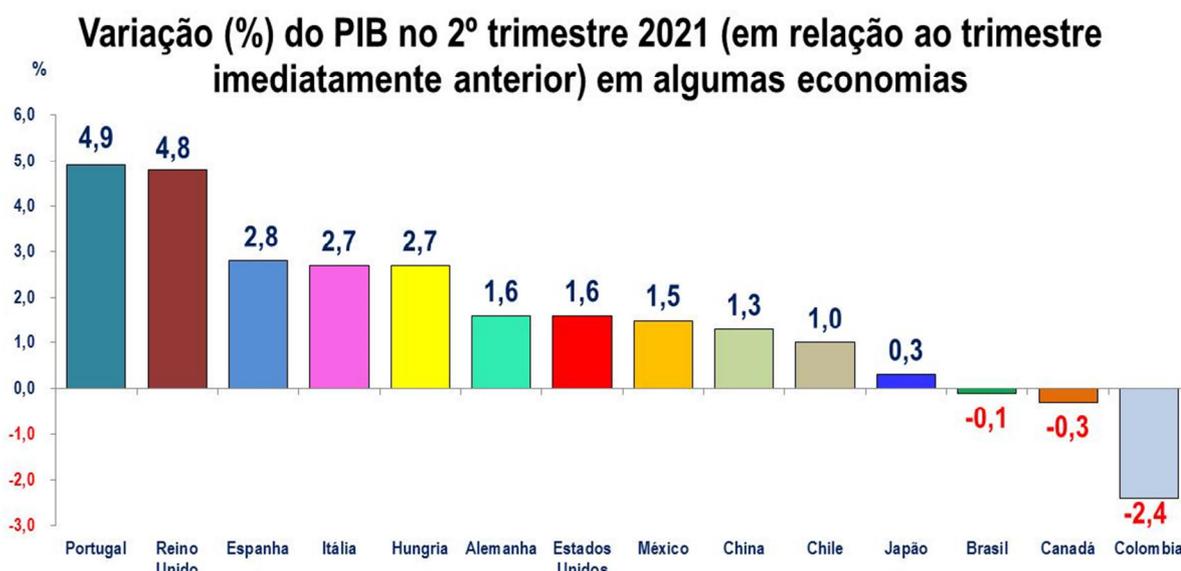


Fonte: Contas Nacionais Trimestrais, 2º trimestre/21, IBGE.

Os resultados do PIB mostraram que, apesar da economia já ter retornado aos patamares pré-pandemia, o País ainda possui desafios para dar sustentabilidade ao seu crescimento. Nesse contexto destacam-se o desemprego, que continua elevado, e a inflação, que continua persistente.

Conforme dados da PNAD Contínua, o total de pessoas ocupadas no País, que no 4º trimestre de 2019 era de 94,552 milhões passou para 87,791 milhões no 2º trimestre de 2021. O total de desempregados passou de 11,6321 milhões no período de outubro a dezembro de 2019 para 14,444 milhões no período de abril a junho/21. Já o Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), calculado e divulgado pelo IBGE, e que é o indicador oficial das metas para a inflação no País, no período de janeiro a julho acumulou elevação de 4,76% e têm perspectivas de encerrar o ano com alta superior a 7%. Esse resultado é bem superior ao centro da meta de inflação estabelecida para 2021, que é 3,75% .

O desempenho do PIB Brasil, no 2º trimestre/21, em relação aos três primeiros meses do ano, ficou inferior ao registrado por outras economias como Portugal (+4,9%), Itália (+2,7%), Estados Unidos (+1,6%) e Chile (+1,0%).

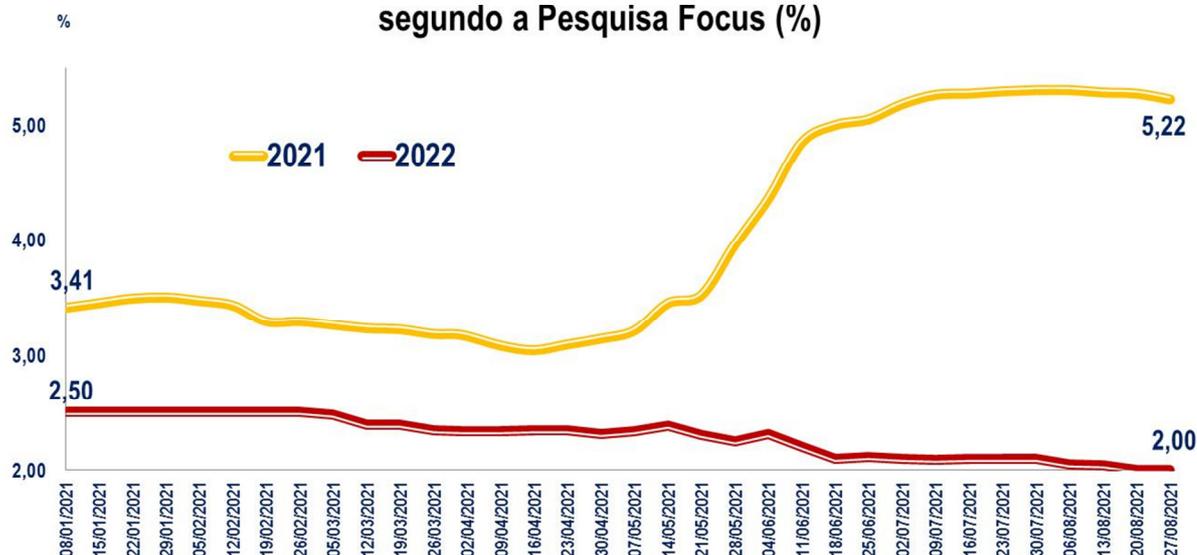


Fonte: Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico, 2021.

No primeiro semestre de 2021 o PIB Brasil cresceu 6,4% na comparação com igual período do ano passado, com alta de 3,3% na Agropecuária, 10% na Indústria e 4,7% no Setor de Serviços. Já a comparação do 2º trimestre/21, em relação a iguais meses de 2020, a economia nacional cresceu 12,4%. Esta alta foi impulsionada pela base de comparação deprimida. Foi justamente no segundo trimestre do ano passado que se observou os efeitos mais contracionistas da chegada da pandemia no Brasil.

Mesmo com os resultados do PIB do 2º trimestre, a economia nacional deverá crescer cerca de 5% em 2021. Mas começa a preocupar as expectativas para o desempenho do próximo ano. De acordo com a Pesquisa Focus, realizada semanalmente com analistas de mercado pelo Banco Central, as projeções para o PIB 2022 vem perdendo intensidade. No início de 2021 esperava-se incremento de 2,5% para a economia nacional. Já a última pesquisa, realizada no dia 27 de agosto, projeta crescimento de 2,00%.

**Expectativas para o PIB Brasil em 2021 e 2022
segundo a Pesquisa Focus (%)**



Fonte: Banco Central do Brasil - Boletim Focus (27/08/2021).

De forma especial alguns fatores seguem influenciando as perspectivas para 2022: as taxas de juros em patamares mais elevados do que o aguardado inicialmente, a intensidade da crise hídrica, que pode levar mais inflação para o próximo ano, a possibilidade de retração no preço das commodities, a expectativa de um crescimento mais modesto da economia global em função da variante delta e, ainda, a capacidade fiscal do País. Neste contexto, é preciso ressaltar a importância da Construção Civil, que pode, e deve ser utilizada como motor para impulsionar o ritmo das atividades produtivas do País, em função da sua elevada capacidade de gerar emprego e renda na economia.